

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS A. C. SIMÕES  
FACULDADE DE LETRAS  
CURSO LETRAS - PORTUGUÊS

JOÃO VICTOR GOMES GAMA

DA NASCENTE AO DESÁGUE: O PERCURSO CONSTANTE ENTRE O “SIM” E O  
“NÃO” EM *MORTE E VIDA SEVERINA*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Maceió - AL

2022

JOÃO VICTOR GOMES GAMA

**DA NASCENTE AO DESÁGUE: O PERCURSO CONSTANTE ENTRE O “SIM” E O  
“NÃO” EM *MORTE E VIDA SEVERINA*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Letras da Universidade Federal de  
Alagoas, como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciatura em Letras-Português.

Orientador: Profa. Dra. Susana Souto Silva

Maceió - AL

2022

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

G184d Gama, João Victor Gomes.  
Da nascente ao deságue : o percurso constante entre o “Sim” e o “Não” em *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto / João Victor Gomes Gama. – 2022.  
39 f.

Orientadora: Susana Souto Silva.  
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) –  
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 39.

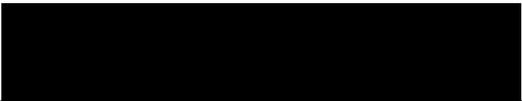
1. Melo Neto, João Cabral de, 1920-1999. *Morte e vida Severina*. 2. Poesia - Modernismo (Literatura) - Brasil. 3. Negação. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-1

JOÃO VICTOR GOMES GAMA

DA NASCENTE AO DESÁGUE: O PERCURSO CONSTANTE ENTRE O “SIM” E O  
“NÃO” EM *MORTE E VIDA SEVERINA*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
banca examinadora do curso de  
Letras-Português da Universidade Federal de  
Alagoas e aprovada em 30 de novembro de  
2022.

  
(Orientador(a) - Profa. Dra. Susana Souto Silva - UFAL)

**Banca examinadora:**

  
(Examinador(a) Externo(a) - Profa. Dra. Ana Clara Magalhães de Medeiros, Fale-UFAL)

  
(Examinador(a) Interno(a) - Prof. Me. Francisco Jadir Lima Pereira, Fale-UFAL)

À memória de Alex Fabian Gama Guedes,  
levado deste mundo pela lei da vida em maio  
de 2022, justamente no ano em que seu filho  
se formou; um pouco tarde para acompanhar  
este momento ao seu lado, mas sempre a  
tempo para presenciar de um outro plano. À  
Rosálva, minha mãe, que continua comigo em  
um aprendizado diário de que a vida segue.  
Obrigado por nunca terem desistido de mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço profundamente à professora doutora Susana Souto, que abraçou este trabalho com a mesma curiosidade e carinho que eu tive pela primeira vez em que o concebi. Agradeço, também, aos meus pais, que nunca desistiram da minha capacidade de alcançar meus sonhos e objetivos em vida. Prometi a meu pai, Alex, que seu filho seria graduado e que, apesar do longo tempo que isso levasse, isso iria acontecer. Acontece agora o momento final da minha graduação – mas não da minha relação com o ensino superior – e não tenho mais meu pai comigo para comemorar tamanha vitória. Isso não significa que ele não esteja entre nós; ele sempre estará, e por isso eu agradeço. Agradeço ao homem que foi, ao pai que foi, a todo o amor que pôde me dar e a toda a esperança que depositou em meu sucesso. Ele é o verdadeiro protagonista deste trabalho, e a ele, durante todos os dias da minha vida, agradecerei.

“Ao redor da vida do homem  
há certas caixas de vidro,  
dentro das quais, como em jaula,  
se ouve palpitar um bicho.  
Se são jaulas não é certo;  
mais perto estão das gaiolas  
ao menos, pelo tamanho  
e quadradiço de forma..”

(João Cabral de Melo Neto).

## RESUMO

O presente trabalho analisou *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, com enfoque na construção da identidade do narrador, a partir de elementos de recusa. O *corpus* desta pesquisa foi composto pelo poema *Morte e Vida Severina*, cuja primeira publicação está datada em 1955, tendo a versão de 2007 como *corpus* propriamente dito (1ª edição, Objetiva). Como fundamentação teórica, serão usadas as contribuições de pesquisa feitas por Candido (2009); Brait (2017), Bosi (1989) e Guiraud (1956). Assim, a abordagem desta pesquisa envolve construção social-literária-identitária das personagens em diferentes enredos, assim como uma análise literária em função dos elementos de recusa e aceitação. No percurso dessa análise, concluiu-se que a identidade da vida severina vai muito além da ideia geral de miserabilidade e abandono social que paira sobre a obra – ela ganha um aspecto formal-constutivo a partir da recusa e da aceitação, que servem perfeitamente como objeto de identidade e de afirmações do foco narrativo.

**Palavras-chave:** Poesia modernista brasileira; João Cabral de Melo Neto; Morte e vida severina; Negação.

## ABSTRACT

The present work analyzed *Morte e Vida Severina*, by João Cabral de Melo Neto, focusing on the construction of the narrator's identity, based on elements of refusal. The corpus of this research was composed of the poem *Morte e Vida Severina*, whose first publication is dated 1955, with the 2007 version as the corpus itself (1st edition, Objetiva). As a theoretical foundation, the research contributions made by Candido (2009); Brait (2017), Bosi (1989), and Guiraud (1956) will be used. Thus, the approach of this research involves social-literary-identity construction of the characters in different plots, as well as a literary analysis according to the elements of refusal and acceptance. In the course of this analysis, it was concluded that the identity of Vida Severina goes far beyond the general idea of miserability and social abandonment that hangs over the work - it gains a formal-constructive aspect from refusal and acceptance, which serve perfectly as an object of identity and affirmations of the narrative focus.

**Keywords:** Brazilian modernist poetry; João Cabral de Melo Neto; Morte e vida severina; Negation.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
2	<b>DO PERCURSO DE SEVERINO EM <i>MORTE E VIDA SEVERINA</i></b> ...	16
2.1	<b>O auto: traços históricos e medievais em <i>Morte e vida severina</i></b> .....	16
2.2	<b><i>Morte e vida severina</i>: aspectos contextuais e estruturais</b> .....	18
3	<b>DA NASCENTE AO DESÁGUE: A IDENTIDADE DAS PERSONAGENS</b> .....	21
3.1	<b>A recusa da aceitação e a aceitação da recusa</b> .....	25
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

“A paisagem parece um cenário de teatro.  
É uma paisagem arrumada.  
Os homens passam tranquilamente  
com a consciência de que estão representando.  
Todos passam indiferentes  
como se fosse a vida ela mesma.”

(João Cabral de Melo Neto).

As flores modernistas no campo da literatura brasileira do século 20 provocaram, com grande impacto, as artes e seus (até então) inflexíveis conceitos, além de em todo os moldes culturais tidos como privilegiados – o padrão estético que vigorava (em função cíclica e intertextual daquilo que já vigorou) naquele momento antes da revolução que o modernismo foi. Esta ramificação de autores e de atos impactantes foi uma postura não somente artística, mas política e ideológica, pontos inseparáveis de quaisquer posturas sociais que envolvem a expressão dos sujeitos e da qual não escapam as expressões artísticas como um todo, sobretudo na expressão literária como movimento de exteriorização do ser e de sua reação à vida. Os autores modernistas fizeram com que brotasse em solo brasileiro uma atitude brutalmente delicada: a antropofagia, que deu início ao modernismo em si, em sua primeira fase, e a seus segmentos, que exalaram nos ares do século 20 brasileiro e até hoje são marcantes para a literatura latino-americana.

Nesse contexto está o escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto, que – durante a terceira fase do modernismo – se destacou não apenas na literatura, mas também nos postos de representações brasileiras internacionais, quando ocupou o quadro de diplomatas da nação, em 1946. As obras de João Cabral de Melo Neto são compostas de uma atmosfera poética intensa, mas que não busca se perder em um mar de palavras: pelo contrário, algumas de suas obras apresentam traços afiados e pontiagudos para os limites da concisão – o dito de forma objetiva e laminar. Sua obra mais conhecida, dentre as que produziu enquanto poesia, é intitulada *Morte e Vida Severina*, um auto que não foge à consciência de classe, muito menos ao processo psicológico e identitário que constitui o andarilho Severino.

E este último ponto é o grande responsável pela elaboração de tamanho trabalho investigativo: a identidade. Severino, narrador protagonista que conduz o leitor desde sua

saída do ponto de origem até chegar em Recife, é um ser em constante movimento, cuja identidade se constrói à medida que se acompanha o percurso de um herói da miséria em pleno processo migratório, em busca de melhores condições de vida. Engana-se o leitor que se vê poupado de esforços ao compreender a intensidade da figura desse ser que o conduz entre inúmeras cenas e confrontos, principalmente por entender como fixa (e, muitas vezes, automatizada) a imagem da miséria humana em um falso estereótipo do sertanejo.

A identificação das personagens nada mais é que uma competência leitora de acompanhar continuamente a construção do ser diante de seus próprios olhos. Não se espera, principalmente em um poema como este, uma personagem entregue, já pronta por si só nas primeiras páginas em função do tema. Pelo contrário: ela é um processo em plena construção, descontínua, figura que nunca se poderia prender ou captar por completo, dado que se (re)constrói continuamente à medida que segue seu percurso até Recife. Um leitor que julga conhecer Severino por completo apenas está diante de uma simples ilusão da complexidade formada por uma rede de palavras, maneira com a qual jamais deverá ser encarada uma obra de impacto artístico-cultural-político como *Morte e vida severina*.

Logo, se é a identidade em contínuo processo de descontínua concepção que interessa a este trabalho e a análise nele feita, cabe discutir essa mutação identitária em função da forma como o próprio narrador se enxerga - um ser não proprietário, não latifundiário, que não tem em suas mãos os meios de produção. Existe, então, um estranhamento por parte da figura narradora, que encara em sua identidade uma existência ligada a um lugar incomum, que é a posição de narrar, mas que ao mesmo tempo não simplifica (muito pelo contrário) a complexidade de sua existência. A identidade, por sua vez, passa por uma descrição moldada por determinadas recusas, ou seja, um ser que não se vê como proprietário de espaço e ocupações sociais muitas vezes pré-determinadas para os narradores de clássicos literários – homens brancos, proprietários urbanos e católicos.

Nesse caso, é de grande contribuição o conceito de identidade do sujeito pós-moderno, de Stuart Hall, que consiste em um indivíduo sem identidade fixa ou permanente, muito menos uma identidade que parte de uma essência. Em outras palavras, a ideia de identidade não se restringe a questões biológicas, dado que é continuamente transformada em relação aos diálogos entre diferentes culturas. É o que explica Hall (2006) em:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente

unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Dessa forma – a partir da compreensão do contexto modernista e de seus impactos, como também da peculiaridade poética por trás de João Cabral de Melo Neto – este trabalho tem como objetivo propor a seguinte análise poética da obra *Morte e Vida Severina*: o poema cuja recusa é a base para a aceitação, cujo “não” é ferramenta para qualquer possível “sim”. A análise trazida tem como objeto de estudo o uso da palavra “não” de forma constante e numerosa, abrangendo, enquanto análise qualitativa da obra, significados que recusem ou aceitem determinadas situações propostas pela narrativa.

Com base nisso, analisamos as reflexões acerca da constituição da identidade das peças do romance - haja vista a possibilidade de aplicá-la, também, ao auto –, em especial dos integrantes do enredo como mobilizadores dos fatos e da construção de uma narrativa, elaboradas por Beth Brait, em sua obra *A personagem* (2017), e por Antonio Candido, em “A personagem da ficção” (2009). Por fim, a base teórica conta, também, com as contribuições intelectuais e reflexivas dos estudos de Alfredo Bosi, com sua obra básica e indispensável para aqueles que desejam se aventurar na literatura brasileira: *História Concisa da Literatura Brasileira* (1989). Outras contribuições também farão parte deste trabalho: artigos e teses defendidas por autores brasileiros acerca da obra de Melo Neto em geral e, em específico, de *Morte e vida severina*.

Partindo da apresentação sobre Melo Neto, sua vida e a importância de suas produções – que me inspiram imensuravelmente enquanto estudante, leitor e também escritor (ou aspirante a tal) – ao legado da literatura brasileira, este trabalho seguiu seu curso da seguinte nascente: a construção da personagem foi investigada com base nos estudos de Brait (2017), Bosi (1989) e Candido (2009). Isso ocorreu na medida em que a obra de Melo Neto foi analisada, fazendo recorrentes retomadas e resgates acontecimentos e trechos do enredo como forma de respaldar as interpretações das recusas anunciadas como *corpus*.

A escolha do *corpus* deste trabalho parte principalmente da missão que assumi enquanto amante da literatura cabralina: *Morte e Vida Severina* é uma obra sujeita à leitura de superfície. Que a leitura se democratize e alcance a todos, sim, mas que também possa contar com contribuições diversas sobre o quanto se pode dela desfrutar. É o caso de João Cabral de Melo Neto e de suas obras. O autor sempre se caracterizou como aquele cuja análise da

própria produção orientava o trabalho da crítica literária a partir de suas entrevistas concedidas após a publicação dos seus livros. A missão que assumi é a de poder contemplar, com esta leitura de *Morte e vida severina*, uma nova perspectiva com base na recusa, mesmo que Melo Neto, se vivo, não desejasse lê-la, vista a facilitação da autocrítica que ele sempre fornecia. Uma missão pessoal, comprometedora e preenchida de tanta teimosia quanto seu próprio autor pernambucano.

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade do Recife, filho de Luís Antônio Cabral de Melo e de Carmen Carneiro Leão Cabral de Melo. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em agosto de 1968, e atualmente é um forte nome para a literatura nacional, cuja importância artística, literária e cultural como um todo reverbera até hoje nos escritos contemporâneos. Durante sua infância, Melo Neto viveu em engenhos de parentes nos municípios de São Lourenço da Mata e de Moreno. Depois de pouco tempo, a família decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, mas a mudança definitiva só foi realizada em tempos posteriores, mais precisamente no momento em que publicou o seu primeiro livro de poemas - *Pedra do Sono*. Foi no Rio que João Cabral decidiu iniciar os estudos com foco em uma futura carreira diplomática no país, o que foi posteriormente conquistado. Após tal conquista, naquele momento já enquadrado no Itamarati, deu início a uma longa peregrinação por diversos países, incluindo, até mesmo, a República Africana do Senegal.

Muito além da obra *corpus* deste trabalho, João Cabral de Melo Neto operou com demais obras, dentre as quais podem ser citadas *Pedra do sono*; *O engenheiro*; *O cão sem plumas*; *O rio*; *Quaderna*; *Poemas escolhidos*; *A educação pela pedra*; *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*; *Museu de tudo*; *A escola das facas*; *Agreste*; "Auto do frade"; *Crime na Calle Relator*; "Sevilla andando", todas estas no campo dos versos. No campo da prosa, além do material historiográfico que desenvolveu durante e após sua carreira diplomática, João Cabral publicou *Juan Miró*, 1952 e *Considerações sobre o poeta dormindo*, 1941.

A obra escolhida para a realização da análise neste trabalho é *Morte e vida severina: auto de natal pernambucano* (1955), poema que compõe a famosa Tríade do Rio de Melo Neto, junto a outros dois poemas: *O cão sem plumas* (1950) e *O rio* (1953). Ou seja, em cinco anos, João Cabral de Melo Neto foi capaz de desenhar um percurso literário marcante para toda a literatura nacional – o trajeto que nos leva, enquanto leitores, a um processo de constante movimento e – tal como um percurso longo, com suas facilidades, dificuldades, percalços e simplicidades – dinâmicas de linguagens e modos comunicativos. Nesta trilogia, a

figura do Rio Capibaribe é o coração pulsante, o ponto em comum, mas que não impede aos três poemas manifestações poéticas distintas entre si. O rio, sendo este elemento em comum, inclusive, ganha diferentes proporções poéticas em cada uma das obras: em *O cão sem plumas*, por exemplo, ele se torna objeto de descrição; em *O rio*, por sua vez, ele é o próprio protagonista; para *Morte e vida severina*, ele pode ser compreendido como elemento presente na conclusão de Severino ao chegar em Recife, quando percebe que a miséria não estava ligadas ao espaço físico, mas ao social, indo contra o determinismo geográfico associado ao sertão nordestino.

Nesta última, a poética “dura”, maciça, de João Cabral está direcionada a um discurso crítico da retórica simplesmente ao sentido estrito da palavra, esta deve falar mais do que seu conceito, divergir e convergir metaforicamente sobre construções lógicas que se interconectam descrevendo ou demonstrando as paisagens para, na percepção do leitor, compreenderem a funcionalidade das ‘pinturas’ escritas do poeta. A construção identitária de Severino e o enredo a que é submetido são uma forma plástica de cumprir com as palavras: tirá-las de seu sentido estático, de poço, e fazê-las se somarem em um rio em pleno curso.

## 2 DO PERCURSO DE SEVERINO EM *MORTE E VIDA SEVERINA*

“Sempre pensara em ir  
caminho do mar.  
Para os bichos e rios  
nascido já é caminhar.  
Eu não sei o que os rios  
têm de homem do mar;  
sei que se sente o mesmo  
e exigente chamar.”

(João Cabral de Melo Neto).

### 2.1 O auto: traços históricos e medievais em *Morte e Vida Severina*

A obra escolhida para análise se trata de uma peça de temática religiosa feita sob encomenda da dramaturga Maria Clara Machado, apresentando-se como um auto no qual o nascimento de Cristo, referência bíblica contida no final da obra, ocorre em um manguezal – na zona da mata pernambucana – e a criança salvadora é representada por um filho de um carpinteiro pernambucano.

O próprio título do poema já é capaz de propor a relação entre a morte – personagem que o acompanha – e a vida, representada pelo surgimento do menino: há uma peculiar oposição a partir da qual termos como “morte” e “vida” sugerem o caminhar da obra – até mesmo na sequência, já que a morte surge primeiro enquanto elemento do enredo e a vida, por sua vez, surge apenas no desfecho da narrativa.

Muito além disso e do fato de ter sido encomendado para o período do natal, o que também reforça elementos do enredo, a produção de Melo Neto possui características dos teatros dos séculos 15 e 16, dado o aspecto religioso e moral que acompanha a narrativa, baseado nas encenações do nascimento de Jesus Cristo.

Para Solange Fiúza (2014), o poema de Melo Neto alcança, pelas características do auto, uma comunicação mais imediata com seu leitor, dado o aproveitamento de elementos do folclore brasileiro e ibérico. Essa “tática de comunicabilidade” a que se refere Fiúza (2014) foi apontada pela crítica, segundo a autora, como motivo para considerar a obra como “menos densa” quando comparada com poemas como *Uma faca só lâmina* (1956). Dentre alegações desse tipo, destaco a de João Alexandre Barbosa (1978), que não percebe em *Morte e vida*

*severina* a:

[...] reconsideração da linguagem poética no sentido de codificar a realidade miserável dos camponeses nordestinos, o que compromete a representação, uma vez que torna o poeta vítima de uma perseguição da afetividade regionalista. (BARBOSA, 1978, p. 131).

Os traços do gênero auto também podem ser notados, no poema de Melo Neto, ao nível da temática: a religiosidade paira sobre a obra à medida que Severino percorre em sua trilha rumo à esperança. Dallazen (2019), em um trabalho investigativo, estabelece um paralelo entre a religião e uma série de eventos simbólicos e como eles representam traços litúrgicos em meio ao desenrolar da narrativa. Uma das primeiras alusões pode ser percebida, segundo a autora, no trajeto feito por Severino, que sai da Serra da Costela, terra de luta constante e miséria farta, podendo ser compreendido como uma alusão à busca, pelo povo judeu, à terra prometida, ultrapassando o deserto em busca de seu oásis.

Eventos como a figura do recém-nascido em meio à tanta pobreza – um sim à vida diante de tantos “não” – servem de clara alusão ao nascimento do Menino Jesus no Natal. Na realidade, o próprio nome da obra: *Morte e vida severina: auto de natal*, já é uma antecipação deste sentido que, ao final, ficou evidenciado. Mais motivos surgem na obra para que se considere a intertextualidade entre religião e enredo, como afirma Dallazen (2019) em:

Além do nascimento em si, a figura do pai, que se chamava José e era carpinteiro, remete, novamente, à figura de São José, esposo de Maria, que, sendo um indivíduo calmo, de fé e de sabedoria peculiar, com humildade e benevolência, vê no nascimento daquele Menino Jesus a renovação das esperanças da vida, aceitando o encargo. O Cristo representava uma nova era, uma manifestação do amor de Deus, como aquele menino, nascido em uma vida Severina, representava a vitória da vida sobre a morte. (DALLAZEN, 2019, p. 181).

Pode-se entender, com isso, que há um diálogo entre a narrativa sagrada bíblica e a obra de Melo Neto, intertextualidade essa que se sustenta durante toda a obra e ganha seu nível mais intenso na parte final do enredo, com a referência ao nascimento de Cristo, além de seus pais – José, o carpinteiro; Maria. Também há referência ao momento bíblico do mensageiro de esperança e da chegada dos três reis magos, quando, no enredo de *Morte e vida severina*, chegam os vizinhos e amigos com presentes para comemorar o salto para a vida da criança – o que impediu o salto para a morte de Severino.

## 2.2 *Morte e vida severina: aspectos contextuais e estruturais*

Por se tratar de um objeto de estudo tão complexo, é justo que a obra poética *Morte e vida severina* ganhe, nesta análise teórica que põe em evidência o papel identitário de Severino, uma abordagem geral-contextual. O poema é composto por dezoito quadros, os quais narram a trajetória de emigração de Severino, criando contato com outras situações, outros sertanejos, com a morte – talvez sua principal companheira ao longo do trajeto até Recife – e com a vida, no momento final do enredo, sendo o surgimento dela a sua salvação.

Trata-se, como afirmado anteriormente, de um auto de natal e, em igual proporção, um poema dramático. Sendo um texto escrito em verso, a obra selecionada apresenta não apenas uma voz falante que move os eventos narrativos que desencadeiam a sequência de versos que seguem, mas também pela interação que estabelece relações internas com outros elementos da narrativa, como por exemplo as personagens iniciais, os “irmãos das almas”, apresentadas. A partir disso, pode-se concluir que a obra de João Cabral é constituída por monólogos e diálogos: a interação da voz falante acontece com os outros e consigo mesma, e isso é o necessário para que se movam os elementos da narrativa em verso.

São dezoito os quadros que compõem as “seções” dos eventos do poema. Sem qualquer numeração, apenas com frases sintéticas, os quadros possuem um título que tem como objetivo apresentar as movimentações da história que poderão ser encontradas em cada uma delas. No primeiro título, por exemplo, chamado “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai”, é possível perceber uma relação clara e nítida em torno da metalinguagem que compõe a obra, isto é, a obra sabe que é obra, Severino que emigra sabe com quem fala, e sabe que estão a acompanhá-lo. A prova disso está nos momentos em que suas falas se voltam para o leitor e para o fato de estar consciente para o que ocorrerá, para a visão de sua vida e de sua trajetória enquanto obra apreciável por um espectador, como no trecho em que Severino se apresenta, logo no primeiro quadro:

Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejam: é o Severino

(MELO NETO, 2007, p. 91)

Em seguida, tal como apresenta o título do quadro – “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai” –, Severino associa sua identidade ao processo migratório a que se submete, dada a necessidade de buscar melhores condições. A apresentação de quem se é está ligada à apresentação de seus objetivos e do que poderá acontecer com sua busca, momento

em que ativa a consciência de que há um leitor a observá-lo enquanto trilha seu trajeto de sobrevivência:

Mas, para que me conheçam  
 melhor Vossas Senhorias  
 e melhor possam seguir  
 a história de minha vida,  
 passo a ser o Severino  
 que em vossa presença emigra.

(MELO NETO, 2007, p. 93)

De modo geral, o primeiro quadro não apenas apresenta o que ocorre e com quem ocorrerá a narrativa, como também serve de instrumento de ativação do título da obra, como dito anteriormente. A respeito do título, é importante observar sua construção formal e composicional, um modo particularmente significativo que apresenta, como dito na seção anterior, uma oposição sequencial (se comparado à sequência dos acontecimentos) entre os termos “morte” e “vida”, o que evidencia uma espécie de cordão de retalhos figurativos que configura o percurso físico e existencial do protagonista entre o viver e o não viver.

É construída, portanto, uma trajetória opositiva que sugere uma inversão da ordem natural das coisas – neste caso a morte antes da vida, tanto em ideia quanto em sintaxe –, porque vê como princípio a morte – a mesma que “mata de velhice antes dos 30, de emboscada antes dos 20 e leva até os não nascidos” – para então alcançar a vida. É esta a serra magra e ossuda que Severino deixa para trás com o objetivo de mudar sua vida, assim como muitos outros sertanejos fazem, também outros Severinos. É exatamente essa perspectiva que justifica o uso de tal adjetivo no título, pois indica, portanto, um destino comum àqueles que compartilham da miséria enquanto marca de vida, condenados a uma vida “severina”, ou seja, uma existência amarga e triste, que parece quase uma morte mascarada e que conduz à verdadeira morte em breve.

Sobre os fatos que criam a engrenagem motora da narrativa, é fundamental estabelecer que a obra retrata uma trajetória construída à base do calcário arenoso e dos galhos retorcidos da caatinga do sertão até o litoral, em que é vivenciada a experiência a qual justifica a o livro como um auto de natal pernambucano. Esse percurso, contudo, jamais deverá ser reduzido a uma lente regionalista apenas: um Severino que, acima de tudo, emigra. E assim o faz porque busca sobreviver ao tempo que ainda lhe resta, antes que a morte o leve de velhice antes dos trinta.

Severino segue o trajeto guia formado pelo Rio Capibaribe: a única esperança de mudar sua vida está em um trajeto indicado por um rio que o levará ao litoral – ou seja, há um

fio de percurso que os liga, um caminho necessário para ambos. Durante o trajeto, ocorrem episódios particulares que atribuem à vida Severina que cruza os planos uma série de significações e motivações, inclusive sobre a necessidade de estar vivo ou de continuar a trajetória daqueles que possuem uma vida severina.

Ainda sobre o trajeto, é importante considerar que a travessia de Severino é motivada pela busca de uma maior expectativa de vida, necessidade que o faz acompanhar a linha condutora do Capibaribe. Severino demonstra ter noção de que o caminho a ser percorrido compõe a mesma realidade de seu ponto de partida, haja vista o grande trajeto até sua chegada em Recife. É o que se verifica logo no início da longa trajetória da personagem, após se despedir dos “irmãos das almas”, no quadro “O retirante tem medo de se extraviar por seu guia, o rio Capibaribe”:

Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
cujas contas fossem vilas,  
de que a estrada fosse a linha

(MELO NETO, 2007, p. 96)

De fato, o Capibaribe é de grande importância para o deslocamento de Severino, até mesmo pelo fato de, neste mesmo quadro, a personagem temer se extraviar de seu condutor, principalmente pela seca que acomete o rio e põe, conseqüentemente, o narrador protagonista em uma posição fragilizada, de incerteza. Destaca-se o trecho em que Severino sente o temor:

Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo,  
de todos o melhor guia.  
Mas como segui-lo agora  
que interrompeu a descida?  
Vejo que o Capibaribe,  
como os rios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina  
e no verão também corta,  
com pernas que não caminham.

(MELO NETO, 2007, p. 97)

### 3 DA NASCENTE AO DESÁGUE: A IDENTIDADE DAS PERSONAGENS

“O poema, com seus cavalos,  
quer explodir  
teu tempo claro; rompendo  
seu branco fio, seu cimento  
mudo e fresco.”

(João Cabral de Melo Neto).

Nossa análise, desde o início, está concentrada na possibilidade de entender a identidade de Severino a partir da marcação constante e alternada entre negação e aceitação. Seria superficial, contudo, partir de uma tarefa quantitativa para comprovar o uso intencional do vocábulo “não” por João Cabral, visto que esta confirmação, enquanto contabilização, serve apenas de respaldo para a análise que se faz, sendo pouco pertinente enquanto material principal e isolado por não abrir o campo das possibilidades interpretativas que podem ser alcançadas na posição de leitor-investigador.

Também é importante entender que nossa análise, por tudo feito até então, coloca-se contrária à redução da leitura do enredo à perspectiva regionalista, que muitas vezes acaba por impedir uma interpretação das complexidades mais profundas da obra em função de um cenário já “entregue” ao leitor. As chances de familiaridade do público leitor com a obra em si crescem por conta do pano de fundo regionalista que a envolve (e o envolve, por consequência), mas observar apenas para isso – ou através disso – seria ancorar-se à superfície. Foi por essa facilidade de diálogo, inclusive, que Fiuza (2014) afirmou:

Ainda que o grau de dificuldade exigido na construção de uma obra não tenha, necessariamente, uma relação direta e obrigatória com o seu nível de realização, talvez em função das declarações do poeta ou mesmo por causa de uma visão crítica equivocada de que a grande poesia é aquela acessível apenas aos poucos e doutos ou ainda devido ao menor adensamento metalinguístico desse livro, componente sempre supervalorizado na poética cabralina, esse poema é visto, por certa crítica especializada, como uma poética menos densa, como uma concessão do autor de *Uma faca só lâmina*. (FIUZA, 2014, p. 195.)

Sobre esta mesma questão, ainda, Fiuza (2014) traz as contribuições de Waltenacir Alves de Oliveira (2012) como respaldo para sua defesa de que visões influenciadas pelo enfoque regionalista não devem ocupar a posição central da análise da obra, visto que não contribuem para uma análise formal. Isso porque a linguagem poética não é, necessariamente, apesar de parecer tão óbvio à primeira vista, uma ferramenta para a

construção das personagens ou até mesmo para a sua representação. Considerá-lo de tal forma não contribui para uma análise crítica e formal justamente porque, segundo Oliveira (2012):

Não se percebe em *Morte e Vida severina* a ‘reconsideração da linguagem poética no sentido de codificar a realidade miserável dos camponeses nordestinos, o que compromete a representação, uma vez que torna o poeta vítima de uma perseguição da afetividade regionalista’. (OLIVEIRA, 2012, p. 46).

Para mais, ao considerarmos como possibilidade interpretativa a recorrência das negativas, não estamos atribuindo a Severino a ausência de uma identidade. Pelo contrário, esta é uma análise que se compromete com a negativa enquanto análise de uma composição complexa das personagens que constituem a obra, além de a obra como um todo, tamanhamente complexa. Tendo em mente essa complexidade identitária, o “não-ser” a que nos referimos ao longo desta análise pode ser entendido como um estranhamento da posição de protagonismo, antes ocupadas, pela literatura, por personagens representantes da burguesia, do catolicismo, do latifúndio.

Em outras palavras, questionar a ideia do “não-ser” nos exige maior atenção ao que, durante a literatura brasileira, predominou como sendo o perfil daqueles que puderam ocupar o espaço de narrador. Consequentemente, em se tratando de figuras dominantes da sociedade – proprietários rurais latifundiários, aristocratas, burgueses – a primeira recusa pode ser ver palpante em torno de quem é Severino, ou de como ele se concebe vendo aquilo que não é. Em resumo, a figura de Severino se apresenta como um narrador que tem sua construção identitária influenciada pelo não encaixe em uma posição social de proprietário, como quem se deparasse com os holofotes voltados para si pela primeira vez depois de muito tempo apontados para outros. Estes outros são figuras historicamente centradas na posse de terras, geralmente homens brancos, católicos e pertencentes à burguesia dos grandes centros urbanos.

Isso não significa – e seria completamente equivocado entendê-lo desta forma – que Severino seja um “sem identidade”. Pelo contrário: para Severino, perceber quem se é, para início de enredo, permite ao leitor notar o que sempre lhe faltou – propriedade, voz, protagonismo. Eis, então, o primeiro movimento entre aceitação e negação: o protagonista sabe quem é justamente por reconhecer o que se é e o que lhe falta.

Candido (2009), ao estudar as personagens da ficção, compreende a existência, a partir de estudos literários do século 18, dois perfis de personagens a partir de técnicas de caracterização: as “personagens de costumes” e as “personagens de natureza”. As primeiras são apresentadas por traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; por meio, em

suma, de tudo aquilo que os distingue vistos de fora (CANDIDO, 2009). As segundas, por sua vez, são apresentadas para além de seus traços superficiais, irregulares em sua concepção e identidade, haja vista a complexidade em seu ser. Sobre esta última, Candido diz:

As “personagens de natureza” são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros. Não são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca. (CANDIDO, 2009, p. 58).

Esta última se assemelha, inclusive, à visão já apresentada acerca da identidade do sujeito pós-moderno, conforme os estudos de Stuart Hall. Nossa análise sobre Severino compreende, então, este ser como uma “personagem de natureza” – dada sua complexidade – a qual é contemplada, também, pela noção de sujeito para Hall (2006):

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, p. 13).

Essa primeira comparação nos faz entender exatamente quem estamos acompanhando do ao longo do Capibaribe até Recife. Severino, enquanto um ser de identidade complexa, faz questão de se apresentar ao leitor, e nisso consiste a primeira parte da trajetória. A beleza em perceber essa fusão de conceitos identitários está um momento no qual, justo após a longa descrição de si – “santo de romaria”, “da Maria do Zacarias/lá da Serra da Costela/limites da Paraíba” – Severino nos diz:

Mas isso ainda diz pouco:  
se ao menos mais cinco havia  
com nome de Severino  
filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos,  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas  
e iguais também porque o sangue,  
que usamos tem pouca tinta.

Tendo em vista as constantes negações e afirmações como marcas identitárias da posição de quem narra – ou de quem até pouco tempo não estava acostumado a narrar, sendo Severino a figura que foge à regra e ao padrão posicionado do narrador – deve-se entender como o vocábulo e sua constante marcação tornam-se ferramenta de materialização do que é este concepção. Neste caso, consideramos esta etapa como complementar à análise que se faz acerca da negação, levando-se em consideração, como dito anteriormente, que se se prender aos vocábulos isoladamente não seria de grande contribuição.

Considerando, então, a análise dos vocábulos como respaldo ao que se diz acerca da identidade, são importantes os estudos de Guiraud (1956) acerca das palavras-chave – mots-clés – como ferramentas de constituição formal de ideias, temas e eventos na literatura. Esta primeira leitura nos servirá como instrumento pragmático de análise dos versos, envolvendo palavras não bem como suas complexidades e variedades morfológicas – prefixos de negação, a exemplo. Trata-se de um aspecto pragmático de análise literária, visto que, segundo Guiraud (1956):

[...] Chamamos de palavras-tema as palavras mais usadas por um autor; aqueles pelos quais o pensamento é motivado; assim, há um tema: fazer ou dizer, poder ou conhecimento, pequeno ou grande, homem ou Deus, etc. Qualquer diferença é a noção de palavras-chave, que não são mais consideradas em termos de frequência absoluta, mas em termos de frequência relativa; estas são as palavras cuja frequência se desvia do normal. (GUIRAUD, 1956, p. 64)

Na tentativa de comprovar a pertinência da teoria de Guiraud para sustentar o porquê de escolhermos a negação como prerrogativa, e apenas tendo-a como respaldo de aprofundamento das negações e afirmações, elaboramos, brevemente, um quadro comparativo dos termos que mais surgem ao longo do auto.

	<b>Não</b>	<b>Morte</b>	<b>Vida</b>	<b>Terra</b>	<b>Alma</b>
<b>Obra 1</b>	112	23	47	51	38

Quadro 1: frequência de aparição dos termos selecionados na obra Morte e Vida Severina.

De forma simbólica – além de ser, também, uma maneira de identificar um dos vários momentos em que o vocábulo “não” surge –, seguimos com a linearidade da narrativa para destacar o trecho em que o próprio Severino, enquanto ser migrante entre vários

pequenos vilarejos, reconhece as negativas. Neste momento, após sua identificação ao leitor e seguir o trajeto ao lado do Capibaribe, o protagonista chega a uma casa em que são cantadas excelências para um defunto. É neste canto que surgem as “coisas de não”:

— *Finado Severino,*  
*quando passares em Jordão*  
*e os demônios te atalharem*  
*perguntando o que é que levas...*  
 — *Dize que levas cera,*  
*capuz e cordão*  
*mais a Virgem da Conceição.*  
 — *Finado Severino,*  
*etc...*  
 — Dize que levas somente  
**coisas de não:**  
 fome, sede, privação.  
 — *Finado Severino,*  
*etc...*  
 — Dize **que coisas de não,**  
 ocas, leves:  
 como o caixão, que ainda deves.

(MELO NETO, 2007, p. 99 – grifos nossos)

### 3.1 A recusa da aceitação e a aceitação da recusa

É importante entender que não basta notar aspectos pragmáticos se estes estiverem desamparados de análise constitutiva, literária e social das personagens na literatura. Para Candido (2009), por exemplo, as personagens assumem, em uma narrativa, a peça central no cenário proporcionado por outros elementos como enredo, tempo e espaço. É exatamente com a movimentação de uma personagem, de um ator vivo em meio à cena, que a própria cena ganha vida. Não se deve atribuir à personagem, entretanto (e, neste caso, a Severino), um papel superlativo e isolado dos demais elementos: o que ocorre é uma relação distributiva, plena e completar, tal como afirma Candido ao dizer que ela “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc” (CANDIDO, 2009, p. 51).

Para mais, considerando também os aspectos que compõem as identidades das personagens em narrativas, Candido (2009) estabelece a existência de uma coerência interna à construção da personagem ao analisar a, em “A personagem de ficção”, sua presença nos vários gêneros literários e no espetáculo teatral e cinematográfico. Segundo o autor, apesar de a ficção existir independentemente das personagens, são elas que compõem o critério revelador mais evidente da ficcionalidade a partir do momento em que movimentam a

narrativa. É o que diz o autor em:

A descrição de uma paisagem, de um animal ou de objetos quaisquer pode resultar, talvez, em excelente “prosa de arte”. Mas esta excelência resulta em ficção somente quando a paisagem ou o animal (como no poema “A pantera”, de Rilke) se “animam” e se humanizam através da imaginação pessoal. No caso da poesia lírica, através da fusão do Eu, do foco lírico, com o objeto. (CANDIDO, 2009, p. 23).

De fato, há um cenário muito bem descrito e explorado ao longo do trajeto, o que só se torna possível porque Severino o desvenda e explora para quem o acompanha. O que se defende nesta análise é justamente a forma como as negativas podem ser interpretadas quando Severino analisa a realidade ao seu redor. Se as personagens, para Candido (2009), são responsáveis por humanizar o enredo fictício e seus elementos, é importante entender como isso ocorre para Severino e como esse olhar da personagem nos permite entender uma série de negativas e afirmativas.

É o caso do trecho a seguir, no qual, dando continuidade ao percurso e logo após sua passagem na casa em que cantavam excelências para um defunto, Severino pensa em suspender temporariamente sua migração para buscar trabalho. É neste momento que surgem as negativas da observação do cenário:

— Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,  
e o pouco que não foi morte  
foi de vida severina  
(aquela vida que é menos  
vivida que defendida,  
e é ainda mais severina  
para o homem que retira).  
Penso agora: mas por que  
parar aqui eu não podia  
e como o Capibaribe  
interromper minha linha?

(MELO NETO, 2007, p. 100)

Torna-se possível compreender, neste trecho, a presença de duas negativas: a primeira delas está exatamente na percepção de Severino sobre o que foi sua trajetória até agora – uma série de indicações de que não há vida, não há prosperidade, há apenas motivos para desistir; a segunda poderia ser entendida como uma conclusão após esta análise – interromper momentaneamente o trajeto para, como a narrativa segue, partir em busca de emprego.

Além disso, em estudos que tentam entender a composição do elemento “personagem” em diferentes narrativas, Beth Brait (2017) pode nos proporcionar uma coletânea bem vasta acerca dos papéis exercidos pelas personagens ao longo da história da literatura. Para a autora, as personagens criam um espelho do mundo real burguês ao mesmo tempo que se tornam particulares da construção poético-literária e carregam consigo características próprias e peculiares, como afirma em:

As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano (BRAIT, 2017, p. 42).

A diferença mencionada pela autora entre personagem redonda e plana é um resultado da mudança sofrida pela crítica literária ao longo dos séculos, amadurecendo sua perspectiva de concepção daquilo que é e daquilo que compõe a identidade da personagem em diferentes gêneros narrativos, servindo, inclusive, de análise para a complexidade da figura de Severino. Por conta dessa mudança na crítica, segundo Brait, a maneira como se enxergavam as personagens mudou significativamente, distanciando-se de sua correspondência imediata ao real ou da tentativa de imitação da realidade humana, ganhando, a partir de então, uma perspectiva de criação literária propriamente dita, como afirma a autora em:

Os seres fictícios não mais são vistos como imitação do mundo exterior, mas como projeção da maneira do ser escritor. E é por meio do estudo dessas criaturas produzidas por seres privilegiados que é possível detectar algumas particularidades do ser humano (BRAIT, 2017, p. 42).

Nesse caso, poderíamos entender as ideias de Brait (2017) da seguinte forma: é muito provável que Severino seja compreendido enquanto figura limitada ao regionalismo e à miserabilidade da região do sertão. Com nossa análise, poderíamos ir além deste plano e detectar as particularidades dessa personagem, motivo pelo qual este trabalho existe, e pautá-la em função de constantes relações entre negação e aceitação.

Podemos, seguindo a condução da narrativa, observar os fatos do enredo desta forma quando Severino finalmente chega à Zona da Mata, nos quadros 7, 8 e 9. O momento em que o protagonista decide apressar o passo para chegar logo em Recife anuncia o que poderia ser entendido, para as ideias de Brait (2017), como uma característica peculiar de Severino que iria além da imitação do mundo exterior.

Se supormos uma visão unicamente regionalista, seria estranho imaginar a desistência de um migrante que está tão próximo – como nunca antes esteve – de seu destino

final. Poderia ser essa, então, a complexidade identitária de Severino: indo além da composição regionalista, a personagem apresenta mais um “não” ao entrar em um processo de desilusão após presenciar o enterro de um trabalhador da região. A identidade de Severino, antes marcada pela esperança logo quando chega à Zona da Mata, no oitavo quadro, é completamente desmotivada ao ouvir as encomendas de amigos do defunto:

— Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.  
— É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.  
— Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.  
— É uma cova grande  
para teu pouco defunto,  
mas estarás mais ancho  
que estavas no mundo.

(MELO NETO, 2007, p. 108)

Eis mais uma evidência de composição de identidade e reconhecimento dela, por parte de Severino, a partir do que não se é e do que não se tem, justo porque, ao ouvir tais encomendas, o protagonista assimila os mesmos objetivos de sua vida com os do defunto – que não os alcançou: uma terra compartilhada, dividida e democratizada em meio a tantas posses latifundiárias. É neste momento que Severino nota o fato de, apesar da mudança geográfica, não ocorrer qualquer mudança social em sua vida, ou pelo menos não é o que Recife lhe promete. Isso se identifica em:

— Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.  
Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.  
Está apenas em que a terra  
é por aqui mais macia;  
está apenas no pavio,  
ou melhor, na lamparina:

pois é igual o querosene  
 que em toda parte ilumina,  
 e quer nesta terra gorda,  
 quer na serra, de caliça,  
 a vida arde sempre com  
 a mesma chama mortíça.

(MELO NETO, 2007, p. 111, 112)

Essa desilusão se torna ainda maior quando, no quadro seguinte, Severino faz uma parada para descansar e ouve a conversa entre dois coveiros. Neste diálogo, a comparação de trabalho – a sepultação, as cerimônias de morte – revela as diferenças do índice de violência, desamparo e miserabilidade de bairros como Casa Amarela e Santo Amaro:

— É, deixo o subúrbio dos indigentes,  
 onde se enterra toda essa gente  
 que o rio afoga na preamar  
 e sufoca na baixa-mar.  
 — É a gente sem instituto,  
 gente de braços devolutos;  
 são os que jamais usam luto  
 e se enterram sem salvo-conduto.  
 — É a gente dos enterros gratuitos  
 e dos defuntos ininterruptos.

(MELO NETO, 2007, p. 117)

Ao final desta conversa, então, surge mais uma evidência da identidade de Severino: partindo do princípio da semelhança entre ele e os moradores do bairro de Casa Amarela, um dos coveiros localiza o protagonista – mesmo que ele não fizesse parte do diálogo – no grupo dos indigentes, fala esta que ainda é finalizada pela condenação direta aos migrantes. Verifica-se isso em:

— É a gente retirante  
 que vem do Sertão de longe.  
 — Desenrolam todo o barbante  
 e chegam aqui na jante.  
 — E que então, ao chegar,  
 não têm mais o que esperar.  
 — Não podem continuar  
 pois têm pela frente o mar.  
 — Não têm onde trabalhar  
 e muito menos onde morar.  
 — E da maneira em que está  
 não vão ter onde se enterrar.  
 — Eu também, antigamente,  
 fui do subúrbio dos indigentes,  
 e uma coisa notei  
 que jamais entenderei:  
 essa gente do Sertão  
 que desce para o litoral, sem razão,  
 fica vivendo no meio da lama,  
 comendo os siris que apanha;  
 pois bem: quando sua morte chega,

temos de enterrá-los em terra seca.

(MELO NETO, 2007, p. 117)

Mais uma vez, a identidade da personagem é moldada; mais uma vez, isso ocorre pela negativa das oportunidades, das esperanças, motivos estes que moldam, enquanto enredo, a complexidade de sua identidade, que logo se adapta e absorve essa série de negativas que culminam no ápice do “não”: o momento em que o protagonista pensa em pôr um fim não apenas à trajetória, mas à sua vida.

Os quadros 11 e 12 da obra dão início ao maior momento de tensão de Severino. Diante de tantas negativas à sua trajetória – desde a morte lhe acompanhando do início até a condenação indireta dos coveiros que há pouco encontrou quando chegara a Recife – o protagonista cogita antecipar o fim de algo que já aceitou como programado para si no destino: o sofrimento, a perda, a não condição de vida desejada.

Considerando a leitura de Candido (2009), é importante entender que as personagens, enquanto seres humanos, também se inserem em um contexto construído pelo enredo, pelo cenário e pela época em que a narrativa se insere, mesmo se tratando de uma ficção. Se estão submersas neste contexto, é evidente que, para o autor, as personagens reajam aos fatos do enredo e, com isso, possam se deparar com momentos críticos de suas vidas ficcionais. É o que o Candido (2009) afirma em:

Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. (CANDIDO, 2009, p. 39).

São exatamente estes aspectos essenciais da vida humana com que Severino se depara nos quadros 11 e 12, quando se encontra em um dos cais do Capibaribe contemplando a possibilidade de dar um fim a todo este trajeto, já que sua mudança de posição geográfica não causou uma mudança de posição social. Talvez esse seja um dos momentos em que a morte mais se aproxima de seu protagonismo maior: uma figura que durante toda a obra acompanhou Severino agora lhe põe as mãos frias e tenta levá-lo em seu maior momento de fraqueza. Se, antes, a morte pairava no cenário com marcante presença, agora ela se encontra mais forte do que nunca, capaz de transpor o cenário e tentar tomar Severino:

E chegando, aprendo que,

nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.  
Só que devo ter chegado  
adiantado de uns dias;  
o enterro espera na porta:  
o morto ainda está com vida.  
A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia:  
caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida,  
coroas de baronesa  
junto com flores de aninga,  
e aquele acompanhamento  
de água que sempre desfila  
(que o rio, aqui no Recife,  
não seca, vai toda a vida).

(MELO NETO, 2007, p. 120)

É neste momento que se aproxima Seu José, mestre carpina, uma referência, como dissemos anteriormente, à figura do pai de Jesus, fato que evidencia, novamente, as influências do gênero auto na obra. Esta nova personagem, também constituída de seus momentos delicados, como ela própria afirma, inicia uma espécie de negociação com Severino para que ele repense a possibilidade do fim imediato; para que ele repense o “não” que a si mesmo pretende dar, assim como à migração. Durante estas tentativas, José tenta lhe dizer a sua concepção de vida, sua história, sua identidade:

— Seu José, mestre carpina,  
e quando é fundo o perau?  
quando a força que morreu  
nem tem onde se enterrar,  
por que ao puxão das águas  
não é melhor se entregar?  
— Severino, retirante,  
o mar de nossa conversa  
precisa ser combatido,  
sempre, de qualquer maneira,  
porque senão ele alaga  
e devasta a terra inteira.  
— Seu José, mestre carpina,  
e em que nos faz diferença  
que como frieira se alastre,  
ou como rio na cheia,  
se acabamos naufragados  
num braço do mar miséria?  
— Severino, retirante,  
muita diferença faz  
entre lutar com as mãos  
e abandoná-las para trás,  
porque ao menos esse mar  
não pode adiantar-se mais.  
— Seu José, mestre carpina,

e que diferença faz  
 que esse oceano vazio  
 cresça ou não seus cabedais,  
 se nenhuma ponte mesmo  
 é de vencê-lo capaz?

(MELO NETO, 2007, p. 122)

É a partir do surgimento de José que a narrativa toma um rumo improvavelmente incrível: Severino e a morte, agora em uma relação mais íntima do que nunca antes no enredo, sempre assumiram a figura de protagonismo na obra. Seria de grande surpresa pensar em um momento da narrativa em que nenhum dos dois – nem Severino, nem a Morte – sairiam completamente de cena, principalmente no ápice do “não”, em que Severino está prestes a negar a vida. Contudo, eis o que acontece: no quadro seguinte, uma mulher interrompe o diálogo entre Severino e José para anunciar o nascimento de seu filho:

— Compadre José, compadre,  
 que na relva estais deitado:  
 conversais e não sabeis  
 que vosso filho é chegado?  
 Estais aí conversando  
 em vossa prosa entretida:  
 não sabeis que vosso filho  
 saltou para dentro da vida?  
 Saltou para dentro da vida  
 ao dar seu primeiro grito;  
 e estais aí conversando;  
 pois sabeis que ele é nascido.

(MELO NETO, 2007, p. 124)

A vida, pensando tal como a obra foi montada, no formato de peça, rouba a cena e desloca Severino e a morte, arrastando para si todos os holofotes. Essa referência bíblica ao nascimento de Cristo – que conta com a presença dos anunciadores sagrados, as ciganas, dos reis magos e seus presentes – é exatamente a negativa dada à negativa de Severino. Este momento rompe, de forma mais literal possível, o ápice da negação e da morte para introduzir no enredo a força do “sim” e da vida.

Podemos perceber esse processo dinâmico de troca de posições ao notar que toda a cerimônia de nascimento, ao interromper o ciclo da negação e da morte, ocupa três dos últimos quatro quadros que restam para que o enredo se encerre. No ápice da morte, quem protagoniza as cenas finais é a vida. Como prova, podem-se destacar momentos dos três quadros seguintes à anunciação. No primeiro deles, toda a cerimônia tem seu início com a chegada dos convidados à celebração da vida:

— Todo o céu e a terra  
 lhe cantam louvor.

Foi por ele que a maré  
 esta noite não baixou.  
 — Foi por ele que a maré  
 fez parar o seu motor:  
 a lama ficou coberta  
 e o mau-cheiro não voou.  
 — E a alfazema do sargaço,  
 ácida, desinfetante,  
 veio varrer nossas ruas  
 enviada do mar distante.  
 — E a língua seca de esponja  
 que tem o vento terral  
 veio enxugar a umidade  
 do encharcado lamaçal.  
 — Todo o céu e a terra  
 lhe cantam louvor  
 e cada casa se torna  
 num mocambo sedutor.

(MELO NETO, 2007, p. 124, 125)

Logo em sequência, também sendo um quadro sem a presença de Severino e de sua até então companheira, a morte, chegam os convidados e amigos com presentes para o recém-nascido:

— Minha pobreza tal é  
 que grande coisa não trago:  
 trago este canário da terra  
 que canta corrido e de estalo.  
 — Minha pobreza tal é  
 que minha oferta não é rica:  
 trago daquela bolacha d'água  
 que só em Paudalho se fabrica.  
 — Minha pobreza tal é  
 que melhor presente não tem:  
 dou este boneco de barro  
 de Severino de Tracunhaém.  
 — Todo o céu e a terra  
 lhe cantam louvor  
 e cada casa se torna  
 num mocambo sedutor.

(MELO NETO, 2007, p. 126)

Próximo ao fim da cerimônia, as duas ciganas, enquanto referências à figura sagrada da anunciação, fazem uma leitura cada sobre o destino do recém-nascido. A primeira se apresenta como mais simbólica, até mesmo idealizada, evidenciando boas profecias para a nova vida que surgiu no enredo:

Cedo aprenderá a caçar:  
 primeiro, com as galinhas,  
 que é catando pelo chão  
 tudo o que cheira a comida;  
 depois, aprenderá com  
 outras espécies de bichos:  
 com os porcos nos monturos,  
 com os cachorros no lixo.  
 Vejo-o, uns anos mais tarde,

na ilha do Maruim,  
vestido negro de lama,  
voltar de pescar siris;  
e vejo-o, ainda maior,  
pelo imenso lamarão  
fazendo dos dedos iscas  
para pescar camarão.

(MELO NETO, 2007, p. 128)

A segunda cigana, por sua vez, corrige certas afirmações da fala da primeira, trazendo um discurso mais moderado e ponderado acerca do futuro da nova vida. Sua fala não se pauta, necessariamente, em uma oposição à primeira, tanto que são mencionados bons caminhos para a criança:

Não o vejo dentro dos mangues,  
vejo-o dentro de uma fábrica:  
se está negro não é lama,  
é graxa de sua máquina,  
coisa mais limpa que a lama  
do pescador de maré  
que vemos aqui, vestido  
de lama da cara ao pé.  
E mais: para que não pensem  
que em sua vida tudo é triste,  
vejo coisa que o trabalho  
talvez até lhe conquiste:  
que é mudar-se destes mangues  
daqui do Capibaribe  
para um mocambo melhor  
nos mangues do Beberibe.

(MELO NETO, 2007, p. 129)

Por fim, vizinhos e amigos se aproximam para falar à criança e aos pais:

— De sua formosura  
já venho dizer:  
é um menino magro,  
de muito peso não é,  
mas tem o peso de homem,  
de obra de ventre de mulher.  
— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é uma criança pálida,  
é uma criança franzina,  
mas tem a marca de homem,  
marca de humana oficina.  
— Sua formosura  
deixai-me que cante:  
é um menino guenzo  
como todos os desses mangues,  
mas a máquina de homem  
já bate nele, incessante.

(MELO NETO, 2007, p. 130)

E só depois destes três quadros é que Severino surge, tendo sua conversa com José restaurada. Apesar de não participar diretamente de toda a cerimônia, Severino sente o impacto da vida e do sim. O protagonista volta mais firme e, agora, com sua identidade moldada mais uma vez, fruto de uma complexidade formatada pelo enredo e pelo seu contexto sociocultural, postura que associa três perspectivas antes citadas em nossa análise: a identidade do sujeito pós-moderno de Stuart Hall (2006) como ser instável e a composição identitária complexa e íntima da personagem para Brait (2017) e Candido (2009). É possível perceber a mudança de postura de Severino quando José retorna à conversa, agora pai, tendo presenciado o nascimento de uma vida:

— Severino, retirante,  
 deixe agora que lhe diga:  
 eu não sei bem a resposta  
 da pergunta que fazia,  
 se não vale mais saltar  
 fora da ponte e da vida;  
 nem conheço essa resposta,  
 se quer mesmo que lhe diga;  
 é difícil defender,  
 só com palavras, a vida,  
 ainda mais quando ela é  
 esta que vê, severina;  
 mas se responder não pude  
 à pergunta que fazia,  
 ela, a vida, a respondeu  
 com sua presença viva.  
 E não há melhor resposta  
 que o espetáculo da vida:  
 vê-la desfilar seu fio,  
 que também se chama vida,  
 ver a fábrica que ela mesma,  
 teimosamente, se fabrica,  
 vê-la brotar como há pouco  
 em nova vida explodida;  
 mesmo quando é assim pequena  
 a explosão, como a ocorrida;  
 mesmo quando é uma explosão  
 como a de há pouco, franzina;  
 mesmo quando é a explosão  
 de uma vida severina.

(MELO NETO, 2007, p. 132)

É fundamental entender que, apesar de surgir novamente após três quadros sem estar em cena, não é Severino quem dirige a fala, muito menos a morte que o acompanhava. Poderia se pensar facilmente na ideia de que José é quem encerra a obra, a trajetória do migrante, mas eis a beleza da análise feita neste trabalho. Em meio a tanto “não” ao longo de seu percurso, com a presença tão marcante da morte a cada passo de seu percurso, nenhum dos três – Severino, a morte, José – guia a voz final. Quem fala por último e, assim, decreta o

final de uma trajetória longa da serra da Costela, limites da Paraíba, é o nascimento, a vida: um sim à vida; simultaneamente, um “não” à morte; um “não” a tanto “não” imposto no percurso de Severino, o belo na aceitação da negação seguida da negação da aceitação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A beleza que há em *Morte e vida severina* se amplia ainda mais quando nos permitimos refletir para além do cenário regionalista. Trata-se de uma das obras mais comunicativas de Melo Neto, justo porque alcança, pelas características do auto, uma interação mais imediata com seu leitor, dado o aproveitamento de elementos do folclore brasileiro e ibérico. Apenas por este viés mais evidente, isto é, das falas e cenários, já é possível apreender muitas informações e chegar a grandes reflexões, mas isso talvez não seja suficiente para os leitores mais curiosos, interessados em olhar para além da caatinga do sertão brasileiro e de suas raízes históricas.

As hipóteses fornecidas por este trabalho partiram exatamente desse desejo de ir além do que o cenário nos mostra, além da facilidade com que o estereótipo de Severino pode nos reter de uma reflexão maior sobre seu aspecto íntimo. A leitura de Candido (2009), nesse caso, foi de grande contribuição para entender que as personagens vão além das aparências que carregam e das atitudes que empregam, sendo melhor compreendidas em seu aspecto mais íntimo e em meio a conflitos do próprio enredo.

Nossa possibilidade interpretativa considera Severino um ser complexo, moldado a partir de um enredo que lhe nega muitas vezes a vida, a esperança, as oportunidades de mudança social. A morte o acompanhou inúmeras vezes, Severino se deparou muito mais com defuntos do que com qualquer símbolo de vida. Talvez porque a própria ideia de vida, enquanto “sim”, surge apenas no final, com o nascimento da criança. Mesmo com inúmeras pessoas surgindo ao longo da migração de Severino, nenhuma delas carrega consigo a ideia de vida tão forte quanto no final – até pelo fato de ser uma referência ao nascimento de Cristo, biblicamente o nascimento que representa a salvação.

Mas não apenas por isso: as vidas com que Severino interage são permeadas pela morte, uma morte em vida que se expressa pela baixa expectativa de vida, mas que ao mesmo tempo encontra um “sim” estável no mais interno íntimo de Severino – a luta para chegar ao litoral, mesmo com tantos indicativos de que a morte é quem o espera. Esse é o conflito entre afirmação e negação com que se compromete nossa análise interpretativa.

Hall (2006) e Brait (2017), por sua vez, contribuíram significativamente para entendermos não apenas a composição do sujeito pós-moderno, mas também a personagem como uma figura dotada de complexidade. No caso do sujeito pós-moderno, entendemos que a ideia de sujeito em conflito, instável em meio aos acontecimentos em sua vida e em seu contexto sociocultural, pode ser aplicada à identidade de Severino quando interpretados os conflitos entre “sim” e “não” feitos no decorrer de nossa análise. No caso do ser complexo,

Severino, dentro de uma possível interpretação de Brait (2017), configura-se como ser complexo e construído a partir de multifacetadas, o que o torna capaz de surpreender seu leitor a partir das atitudes tomadas ao longo do enredo.

Foi exatamente desta forma que propusemos uma leitura de Severino: um ser multifacetado pela vida e pela morte, pelo sim e pelo não que se propuseram e se impuseram a ele desde o momento em que saiu dos limites da Paraíba. Essa complexidade, essa construção contínua e instável entre diferentes quadros foi o que o tornou capaz de surpreender o leitor quando tão próximo de seu “não final” – isto é, a desistência da vida, logo ao chegar em Recife e ouvir a conversa dos coveiros – e o “sim definitivo”, a vida como protagonista do momento final do poema com a chegada da criança, cerimônia esta que ocupa os últimos quadros.

É de grande gratificação poder contribuir com esta possibilidade de análise para uma obra tão marcante da literatura brasileira modernista; em nenhum momento excluímos (nem nunca excluiremos) novas ou mais aprofundadas análises sobre este poema, principalmente sobre a figura de Severino. Nosso comprometimento, enquanto trabalho de análise e leitura, esteve em mostrar, com todas as hipóteses investigadas, que esse protagonista vai muito além do estereótipo de sertanejo.

Se admitimos esta missão como nossa – se foi com esta concepção de Severino que levamos à frente todas as leituras feitas e afirmações sustentadas –, a causa está em duas palavras: respeito e admiração. Respeito e admiração por quem João Cabral de Melo Neto e Severino são; respeito e admiração pelo que a vida é e significa tanto para eles quanto para nós; respeito e admiração pelo que a morte significa, a causa natural de todas as coisas, a única certeza de nossas vidas – que se note: há vida no conceito de morte, vice-versa. E se tudo isso foi admitido por nós como missão de estudo e análise, podemos dizer, agora e humildemente, que esta missão foi cumprida.

**REFERÊNCIAS**

BARBOSA, João Alexandre. Linguagem e Metalinguagem em João Cabral de Melo Neto. In: **A Metáfora Crítica**. São Paulo: Perspectiva. 1978, p. 131.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix. 1989, p. 431-527.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emilio Salles; PRADO, Decio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 51-80.

DALLAZEN, C. L. **Morte e vida severina**: um (des)encontro com a vida. Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias, v. 4, n. 1, p. 170-185, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

GUIRAUD, Pierre. **Les caracteres statistiques du vocabulaire**. Paris, Presses Universitaires de France. 1956, p. 64.

NETO, J. C. M. **Morte e vida severina e outros poemas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

OLIVEIRA, W. A. de O. **O gosto dos extremos**: tensão e dualidade na poesia de João Cabral de Melo Neto, de Pedra do sono a Andando Sevilha. São Paulo: Editora da USP/FAPESP, 2012.

YOKOZAWA, S. F.C. **Notas sobre poesia e leitor em João Cabral**. CALIGRAMA, Belo Horizonte, v.19, n.1, p. 187-203, 2014